

As comunidades da área portuária se reúnem para construir a Assembleia Popular.

A reunião para organização da Assembleia Popular da Providência e da Área portuária, realizada no dia 16 de Julho na Providência, que contou com cerca de 70 pessoas reunindo moradores do Morro da Providência, Morro do Pinto, Aldemaro Costa, Ocupação Quilombo das Guerreiras, Ocupação Chiquinha Gonzaga e teve a solidariedade de companheiros de Manguinhos, do Chapadão, entre outros bairros e comunidades, mostrou como devemos seguir nas lutas atuais. Enquanto os partidos eleitorais, afastados do povo, se batem na luta pela mesa das reuniões, por cargos nas burocracias sindicais, por verbas federais, por representações no congresso, o próprio povo se organiza e cria seu poder. É com estas assembleias populares, tão diferentes das burocracias estudantis e sindicais, organizando os trabalhadores das comunidades em sua luta, convocando a favela pra descer, chamando a ocupação dos prédios abandonados, a ocupação da cidade, que podemos mudar. O GEP, a OATL e a Comissão de Moradores da Providência, que puxaram a reunião, agradecem a participação de todas e todos.



Calendário de lutas e mobilizações tirados na reunião:

Dia 03/08 - Festa Agostina do GEP contra as remoções - 15h / Local a definir.
Dia 11/08 - Caminhada de divulgação da Assembleia Popular. Ponto de encontro: 14 horas, no Largo do Santo Cristo (perto do Supermercado Mundial).
Dia 18/08 - Assembleia Popular do Morro da Providência e Zona Portuária - 9h na Quadra da Samol (Ladeira do Livramento, Morro da Providência)



Luta de classes na Zona Sul do Rio Comunicado da Organização Anarquista Terra e Liberdade

A Zona Sul do Rio de Janeiro, no dia 18 de Junho de 2013, amanheceu chocada: bancos quebrados, lojas saqueadas, ruas queimadas, a sua porta-voz – a Rede Globo – com a fachada destruída, deitada no chão.

A noite foi longa no principal bairro burguês do Rio! Como será ainda mais longa quando as favelas e toda a periferia a cercarem e expropriarem toda a sua riqueza. Sim! queremos o pânico em todos os bairros burgueses da cidade e sabemos que este se iniciou ontem quando os moradores da Rocinha desceram o morro e ocuparam ruas gritando por justiça!

Os apavorados "inocentes do Leblon", a elite branca que se mostra hoje chocada com o "vandalismo", parecem esquecer a sua própria história de violência. Na década de 60 eles exigiram do governo militar - colocado por eles no poder que este acabasse com a favela da Praia do Pinto, localizada no Leblon, para construírem prédios em seu lugar (como fizeram). Segundo dados do Censo de Favelas de 1949, pelo menos 20 mil pessoas moravam no local. A remoção foi efetuada em 1969, durante o governo de Negrão de Lima, quando os militares tacaram fogo na favela, já que esta por mais de 15 anos resistia bravamente e não aceitava ser removida.

Hoje, eles comandam milhares de casos de racismo, agressões a moradores de rua, e são o rosto da violência que gera todas as outras violências: o capital, a propriedade, o lucro.

Quando estes falsos inocentes se manifestam pela paz, eles apenas demonstram o medo desta revanche que está chegando e chegará!



Favela da Praia do Pinto, década de 60

Por isso, cinco avisos são agora necessários:

- 1) Não podemos esquecer que quem iniciou ciclo de violência nos primeiros protestos foi a polícia militar, o que a juventude tem feito é proteger-se e reagir aos atos de violência policial.
- 2) O s atos de ação direta que vem sendo realizados nos protestos pelo povo são uma resposta a sua situação de exploração e opressão,o que é nada menos do que LUTA DE CLASSES, sempre legítima.
- Os atos realizados ontem não são atos de vandalismo, são atos de revolta popular, como acontece na Grécia, na Turquia e em diversos países.
- 4) É legítimo expropriar e ocupar todos imóveis vazios do Rio de Janeiro, incluindo o Leblon e Ipanema, para entregar aos que não tem moradia, como parte da luta pelo direito a cidade e a luta pela moradia. Nossa objetivo final é a expropriação da burguesia.
- Precisamos, agora, conjugar os atos radicais de rua com as assembleias populares nas comunidades e nas periferias.
 Precisamos fortalecer uma nova forma de poder, o poder do povo.

Com a força das ruas, favelas e periferias! Construir o poder popular!

Lembranças da Revolta de Stonewall

Há 44 anos atrás, no dia 28 de junho de 1969 o bar Stonewall – um bar frequentado por homossexuais e travestis – foi local de uma "batida" policial, como ocorria com todos os bares que eram frequentados por um público LGBT e, como era costume, todas as pessoas travestis que se encontravam no bar foram presas. Mas, ao contrário das outras vezes, as lésbicas e gays resolveram resistir, em solidariedade com as travestis presas.

Quando viram a multidão enfurecida, os policiais refugiaram-se dentro do próprio Stonewall para se proteger. Enquanto os homossexuais começaram, literalmente, a atear fogo ao bar. Acossados, os polícias apontaram extintores e mangueiras, mandando água em direção à multidão furiosa. Logo depois chegaram reforços policiais que tentaram dispersar o grupo rebelde. Mas de nada adiantou: o pessoal não saiu dali e voltou a se agrupar para vaiar os policiais atirando pedras, tijolos, garrafas e pegando fogo às latas de lixo. No dia seguinte os policiais voltaram ao bar. Mas a multidão de gays, lésbicas e travestis também voltou mais organizada, com uma atitude mais política; a Revolta de Stonewall, como ficou conhecida depois, durou três dias. Sendo que no terceiro dia, Stonewall pode ser reaberto, após o apoio que os homossexuais receberam da comunidade local e da intervenção do Presidente da Câmara dando um fim à violência policial.

Após essa revolta, os homossexuais perceberam que só seriam respeitados se lutassem por isso, assim sugiram diversos grupos gays combativos e radicais em todo o mundo. Esses grupos perceberam também que sua liberdade só seria alcançada se lutassem juntos de trabalhadorxs, mulheres e negros. Afinal, de que adianta um mundo que respeite o homem gay branco e de classe média, mas não respeite o gay pobre, a travesti negra, a mulher lésbica, etc?

Atualmente, estamos passando por um momento de efervescência política, no qual diversos protestos com centenas de milhares de manifestantes, surgiram no Brasil todo contra a copa, por mais investimentos na saúde e educação, por um transporte publico gratuito, e também contra a "cura gay", contra o estatuto do nascituro, pela não intervenção das religiões nas políticas públicas, etc. A mídia diz que o Brasil acordou, nós que já estávamos nos manifestando contra Feliciano, que ano após ano saímos na rua para protestar contra a homofobia, a lesbofobia, a transfobia e para que travestis e homossexuais tenham os mesmos direitos que heterossexuais e cissexuais# sabemos que não estávamos dormindo!

Sabemos também que os políticos aproveitaram que a população se concentrou nos protestos contra o aumento e pela tarifa zero para apressar a votação de políticas como a "cura gay". Isso, no entanto, não nos fará abandonar os protestos de massa, pois como pessoas que trabalham para viver a luta pela tarifa zero, pelo fim das remoções, contra a Copa do Mundo, etc, também nos dizem respeito e nos beneficiam. Mas não deixaremos de lutar pelas nossas demandas específicas também. Seja estando com a bandeira LGBT nos atos de massa, seja fazendo atos específicos das demandas LGBT, e convencendo os heterossexuais a estarem com a gente, lutando também pelos nossos direitos.

E fundamental no entanto, que tiremos determinadas lições das manifestações que vem acontecendo. Entre elas, está o fato de que ao contrário do que a mídia diz, foi graças à radicalização dos chamados vândalos que conseguimos visualidade, que conseguimos trazer cada vez mais gente para as ruas, que conseguimos colocar medo nos governantes. Esses protestos nos fazem lembrar que ao longo da história as grandes mudanças não seriam conquistadas se não fossem os atos radicais, não haveria Revolução Francesa sem a queda da Bastilha, não haveria Stonewall sem barricadas.

Esse mês de grandes mobilizações foi também o mês do aniversário de Stonewall e, em memória dessa batalha, devemos também colocar medo nos governantes, e dizer que não aceitamos retrocessos nas políticas LGBTs! Nós também somos baderneiros!#

#cisssexuais ou pessoas cis são aquelas que ao nascer foram identificadas como sendo de um determinado gênero e ao longo da vida continuam se identificando com ele. Por exemplo uma pessoa que ao nascer é identificada como homem, mas que ao longo da vida se identifica como mulher é uma pessoa trans,uma travesti. Já uma pessoa que ao nascer é identificada como homem, e que ao longo da vida se identifica como tal é uma pessoa cis. Ou seja, cissexual é quem não é travesti.

#Marietta Badema, bailarina italiana vinda ao Brasil no século XIX, discriminada pela sociedade machista por viver com um homem sem ser formalmente casada, foi alvo das elites racistas por incorporar elementos da música africana em sua arte! Seus seguidores eram chamados baderneiros!



Análise sobre as atuais mobilizações no Rio de Janeiro e no país

Este texto traz o esforço da OATL para pensar a nova conjuntura do país a partir das milhares de revoltas populares que estão ocorrendo em quase todo o Brasil. A esquerda revolucionária precisa analisar com cuidado tudo o que tem acontecido e aproveitar este momento de levante popular para fortalecer os movimentos sociais combativos, aumentar sua presença e influência entre os trabalhadores, nas comunidades, combater o velho reformismo legalista e organizar comitês de bairro e por local de trabalho para que a gente possa, nos próximos anos e nas próximas revoltas que se instalarão no país, estar preparados para encaminhar um processo revolucionário que irá derrubar o capitalismo, o Estado, e criar a sociedade sem classes e sem opressões. Precisamos estar cada vez mais organizados e presentes nas favelas, nas periferias, nas escolas, nas fábricas, entre os trabalhadores do comércio e do setor de serviços, entre os trabalhadores autônimos, para construir com o povo uma consciência revolucionária e uma guerra popular capaz de criar a nova sociedade. Somente a construção do poder popular, esta organização popular autônoma que nasce de baixo, sem presença do Estado e sem controle externo, abre as possibilidades reais de mudança e justiça.



A insatisfação popular e as atuais revoltas

Comparando com o cenário do fim da ditadura militar e da década de 90, podemos dizer, ao analisar os movimentos sociais hoje, que ainda estamos nos recuperando do efeito PT/PCdoB e sua gerência do Estado. Com a vitória de Lula em 2002, vimos a nível nacional o que o reformismo pode despertar e como pode fragilizar as lutas populares e tornar movimentos sociais em braços do Estado e do capital (Não, ao falarmos das transformações no programa político do PT, não estamos falando de "traição" ao princípio do partido, mas de coerência com o seu projeto principal que era vencer eleições e gerir o Estado. Para isso eles perceberam que era preciso não apenas atrelar e sufocar os movimentos sociais, como fazer alianças com a direita e a elite do país). Encarando uma crise - que para muitos foi uma descoberta -, tendo que conviver ainda com a linha política de um partido como o PSOL que busca reviver o fracasso do reformismo petista, ou com o legalismo burocrático de um PSTU, o movimento social tem mostrado que tem força pra reagir e comandar a vida. Somente este ano, no Rio de Janeiro, bem antes do canto "o Brasil acordou", ocorreram diversas lutas e mobilizações importantes como a da Aldeia Maracanã, a resistência popular em Manguinhos, a luta dos moradores do Morro da Providência, do Horto, da Favela Bandeira I, de Vila Autódromo, do Morro da Indiana, as atividades e passeatas dos moradores Borel lembrando (para enfrentar e não esquecer) a dolorosa chacina de 2003, as rebeliões no Morro do Alemão, no São Carlos, na Coroa, contra a violência cometida pela UPP, o Encontro e criação da Rede de Comunidades Impactadas, do grupo "Favela não se cala", os atos contra a homofobia, o machismo e o racismo, contra a privatização do Maracanã, contra o fechamento de escolas, entre tantos e tantos outros.

Impulsionadas pela luta vitoriosa em Porto Alegre que conseguiu reduzir a tarifa dos transportes - e pela incrível mobilização puxada pelo MPL em São Paulo, todas estas lutas se confluíram e mostraram a sua cara nas gigantescas passeatas em torno da redução das passagens – as maiores desde as "diretas já" -, mas que na verdade mostram e expressam muito mais do que a descontentamento com o transporte. Este grito tornou-se uma voz poderosa de uma multidão - a maior parte das manifestações - que estava engasgada, que não suporta mais o nível de opressão e violência sofrida. Saques, destruições de bancos, lojas, instituições, junto a mobilizações que chegaram, apenas no Rio de Janeiro, a mais de 200 mil pessoas no dia 17 de Junho e a mais de 1 milhão no dia 20, mostram um descontentamento e uma raiva que não podem ser simplesmente reduzidas a um desejo de violência ou a uma apropriação nacionalista-fascista da direita.

Retornam, agora, grandes protestos e gritos que lembram, em alguma medida, as primeiras décadas do século XX quando o povo levantou-se contra a carestia vida. Os trabalhadores, daquela época, revoltavam contra as suas péssimas condições de trabalho (isso quando o tinham), suas péssimas condições de moradia e contra o alto custo de vida. Os trabalhadores não aquentavam mais sustentar o luxo da burguesia enquanto viviam na miséria. Uma importante diferença, no entanto, é que neste período os trabalhadores estavam organizados em sindicatos fortes e livres, em associações por bairros e tinham como princípio de ação os lemas libertários da ação direta, da autogestão, do poder popular, do anticapitalismo. Hoje, infelizmente, vemos o povo ir para as rebelar-se, mas sem organização orientação revolucionária, 0 que significantemente o quadro em que estamos e as nossas possibilidades de ação.

A disputa com a direita: luta de classes contra o fascismo



Tocadas pela esquerda em todo o país, as mobilizações pela redução da passagem só tornaram-se mobilizações de massas após os confrontos do povo com a polícia. Não podemos esquecer que foi o combate corajoso com o Estado que levantou e expandiu as lutas! No Rio de Janeiro, por exemplo, a primeira manifestação contava com cerca de 100 pessoas e na terceira manifestação, quando a mídia ainda criminalizava totalmente o movimento, já haviam 10 mil pessoas nas ruas. No segundo ato, houveram mais de 40 detidos e uma repressão brutal da polícia que correu todo o centro da cidade atrás dos manifestantes, prendendo e espancando qualquer pessoa que encontrasse pela frente. A virada da mídia e a tentativa de apropriação das manifestações pela direita, portanto, só se deram bem mais tarde, quando o povo já estava na rua e quando ela percebeu que era mais proveitoso disputar este movimento do que negá-lo integralmente.

Esta virada dos monopólios de comunicação foi e está sendo crucial para o destino das lutas. Com uma esquerda enfraguecida por anos de reformismo, uma aversão do povo às formas partidárias associadas ao regime político eleitoral, mas também com uma dos incapacidade setores revolucionários direcionarem esta revolta num sentido libertário e de criação do poder popular, as ruas pegam fogo, tornamse barricadas, chamas, mas não sinalizam para qualquer perspectiva imediata de transformação radical da sociedade. Sem uma perspectiva revolucionária, sem um movimento popular forte a nível nacional, sem uma organização revolucionária para impulsionar estas lutas, infiltrar nas manifestações vemos se discursos conservadores, ideologias dominantes, preconceitos, bandeiras vazias manipuladas pela imprensa - como a luta contra a corrupção - e uma onda fascistanacionalista contra os partidos e organizações de esquerda. É abominável e terrível a agressão aos militantes dos movimentos sociais e dos partidos de esquerda.

A presença desta onda conservadora não define, no entanto, estas lutas como conservadoras, de direita, golpistas. As manifestações estão em disputa e a maior parte dos gritos nas manifestações continua sendo reivindicações de esquerda: direito a saúde, educação, "Fora Feliciano", "Fora Cabral", "Pelo fim da PM", "Não haverá copa", etc. Grande parte dos que radicalizam na frente de batalha são jovens negros das favelas e periferias, e em cada passeata eles se organizam, descem os morros, para protestar e rebelar-se com uma força que aterroriza a classe média. É interessante notar, também, como a grande mídia, o senso comum e os "especialistas" vem criminalizando essas ações mais radicalizadas. Quando revoltas de imigrantes e jovens europeus em Londres (2011) e na França (2005) tomam as cidades com saques, incêndios e confrontos com a policia, elas são taxadas como revoltas populares, já no

Brasil são nomeadas como vandalismo, sem nenhuma análise crítica, sociológica ou histórica de tal fato. A grande mídia, parte da esquerda e a academia se calam em uma espécie de pacto de silencio que acaba por legitimar ações repressivas da força policial. No "vácuo" de uma voz dissonante, fica o senso comum e a Rede Globo e vence o discurso do pacifismo e da separação dos militantes pacatos, ordeiros e bem comportados de classe média dos "marginais e arruaceiros", negros e pobres. Outro ponto fundamental e extremamente importante é o ataque generalizado e em todo pais aos centros de poder. Todas as revoltas e revoluções canalizaram suas energias nesses ataques (como a tentativa de entrar na ALERJ e na Prefeitura do Rio), eles revelam um caminho correto que vem sendo apontado por esses grupos, que souberam identificar os órgãos que materializam a opressão e exploração. Conscientes parcialmente conscientes de sua força, esse fenômeno nos demonstra uma insatisfação com as instituições do Estado, que são um terreno propicio para a construção do poder popular.

Outro aspecto importante que este contexto promoveu foi politização da vida, do cotidiano. As pessoas que "não queriam discutir política" agora conversam sobre as manifestações, as propostas, sobre os discursos do governo, sobre o que fazer, fazem reuniões. Desse modo, precisamos tomar cuidado para não universalizar o fascismo e desconsiderar o fato muito importante de milhares de trabalhadores estarem indo para as ruas - ainda que seja com a blusa do Brasil lutando pelos direitos à saúde, educação, moradia e transporte. É duro demais ver nossos companheiros espancados, perseguidos, mas não podemos abandonar o que nós mesmos construímos e perder o contato com estes milhares de trabalhadores que saíram do campo do "odeio a política" e estão discutindo em todos os espaços os destinos do país e da vida. Em vez de deixar tudo para a mídia e para os "salvadores do Estado", precisamos trazer os trabalhadores para as plenárias, dar espaço para as comunidades e organizações de base na mesa das assembleias, organizar assembleias de bairro, nos organizar para o enfrentamento e para a defesa. Não podemos simplesmente negar todos os aspectos positivos destes levantes que começaram conosco e já conquistaram algumas vitórias como o cancelamento do aumento da passagem em diversas cidades e, sobretudo, a experiência de levar o povo pra rua lembrando que ele tem poder e colocando medo em quem roubou dele seus meios e sua vida. Não podemos abandonar as ruas agora. Temos que tentar organizar estas revoltas e dar um direcionamento radical e anticapitalista. Contra o fascismo, contra o capitalismo, somente a luta!

Alguns ensinamentos dos últimos atos: toda vitória é popular e radical



Os combates de rua que aconteceram todo este mês têm apontado para uma perspectiva diferente, sendo marcadas pela ação direta e pela radicalização. Infelizmente, sendo oprimidxs e exploradxs todos os dias por um Estado extremamente violento e por monopólios do capital sedentos para arrancar da nossa carne o máximo possível de lucro, não alcançamos vitórias que não passem pelo confronto violento com estes e pela conseqüente criminalização feita por sua mídia. Todo o discurso feito pela esquerda "bem-comportada" que se dita pela polícia, desse modo, deve ser enfrentado, pois não há luta vitoriosa que não passe pela mobilização popular e sua radicalidade. As lutas em São Paulo, em BH, em Brasília, em Porto Alegre, em Belém, em Recife, aqui no Rio, têm mostrado que o modelo desta esquerda que não incomoda – a forma Candelária-Cinelândia/Cinelândia-Alerj – não dá repercussão, não ameaça as classes dominantes e só agrada a mídia e o discurso burguês da "sociedade democrática" ("viu como vivemos numa democracia? Eles fazem passeata a vontade"). Não podemos aceitar que além da mídia e das classes dominantes estes setores, que tentam conter a revolta da multidão nos atos e monopolizam com violência todos os carros de som com suas cantigas de auditório, contribuam para a nossa criminalização como "vândalos" e "marginais" ao trazermos nosso ódio e indignação diante da situação atual para as ruas. Se não pararmos a cidade, se não incomodarmos o trânsito, se não reagirmos à violência da polícia, se não apostarmos na ação direta e na democracia popular, nunca conseguiremos nossos direitos.

As grandes vitórias deste momento são mostrar que somente a organização e a luta do povo através de seus próprios meios são capazes de mudar a nossa realidade. Enquanto a esquerda eleitoral se organiza para eleger seus candidatos no Estado, o povo foi para as ruas, fez assembleias e começou a arrancar aquilo que nenhum parlamentar de esquerda conseguiu. Criando esta cultura da organização e da mobilização, podemos dar saltos bem maiores e realizar uma revolução social profunda, libertária e radical. Esta deve ser a nossa luta.

NUNCA HOUVE OUTRO CAMINHO:

Organizar a luta e construir o poder do povo

Milhares e milhares nas ruas, parando estradas, avenidas, escolas, cidades. Multidões de trabalhadores e jovens querendo uma vida melhor, lutando por outra sociedade, outro país. Saques, barricadas, fogo nas lojas, nos bancos: há tempos a burguesia não sentia tanto medo. Amedrontados, os governantes lançaram promessas, pretensos "pactos" - impostos de cima para baixo e sem apontar para qualquer transformação real - para salvar um Estado marcado pela violência e pelo genocídio. A falsa esquerda, salvadora do governo, espalhou o medo do golpe de direita e tenta agora, por meios, esvaziar as mobilizações alcançaram todo o país. Os reformistas também tentam direcionar as lutas e fortalecer suas legendas eleitorais, mas estas nasceram justamente contra eles, contra seus discursos bem-comportados e "críticos" tentam amaciar a indignação popular com campanhas para vereadores, prefeitos e outros cargos dentro do 'Estado democrático e de direito".

Contra as revoltas populares, a reação mostrou a sua cara, preparou seus discursos, apresentou sua campanha de "cidadania". As mobilizações, no entanto, não terminaram, nem se iludiram com uma proposta de "reforma política" que pautasse as possibilidades de mudança por dentro das urnas e a partir do congresso. Elas se espalharam pelas favelas e periferias, tornandose mais difíceis de serem capturadas e tendo um corte de classe mais forte e nítido. Em São Paulo, o MTST, junto ao MPL, fez uma marcha pela periferia, para o horror da mídia e da classe média. No Rio, favelas da cidade se uniram e ocuparam a Zona Sul da cidade, enquanto o BOPE exterminava 13 moradores da Maré com a legitimação da Rede Globo. Em resposta, mora -

dores ocuparam a Avenida Brasil e diversos movimentos sociais e moradores de favelas marcharam pela Av. Rio Branco no ato nacional do dia 28 de Junho exigindo o fim da PM e do genocídio da população negra. No dia 30, as comunidades ameaçadas de remoção farão um ato na comunidade do horto às 14h e no dia 02 haverá um grande ato puxado pela favela da Maré contra o extermínio do Estado.

Cada vez mais, a cada instante, temos que intensificar as lutas nas comunidades e fortalecer as suas pautas. O movimento estudantil deve compreender seu lugar e seu papel, servindo de apoio a luta das favelas e garantindo o protagonismo dos trabalhadores.

O Fórum contra o aumento das passagens, que organiza as plenárias gerais, precisa perder o predomínio do movimento estudantil - o que os partidos eleitorais não aceitam - e ser direcionado por quem sempre esteve na luta entre a vida e a morte e nunca teve o direito de dormir. Precisamos chamar assembleias na baixada, no subúrbio, nas favelas. Tocar atos, ocupar ruas e centros do poder. Fortalecer os dois eixos que marcaram todo este movimento: a ação direta e o poder popular. Somente a organização dos trabalhadores e a luta por seus próprios meios pode garantir uma vida mais justa, conquistar o poder do povo. Exigimos imediatamente: fim da PM e do genocídio contra o povo negro; fim das remoções de favelas, ocupações e cortiços; construção de escolas e hospitais dentro das comunidades; redução da jornada de trabalho para 30 horas; todos os direitos trabalhistas para as empregadas domésticas e diaristas; tarifa Zero e direito a cidade

5

Nota de solidariedade à FAG e repúdio à invasão de sua sede pela polícia civil

A criminalização dos movimentos sociais/populares tem sido uma constante na história brasileira. Na atual conjuntura, em que o capital utiliza-se dos megaeventos para maximizar seus lucros, qualquer movimento ou organização política que se oponha a esse projeto político pode se tornar um alvo da polícia e do Estado. Além disso, historicamente, em tempos de mobilização e revolta popular, nota-se uma clara perseguição política a movimentos e organizações anarquistas, o que não é de hoje. Atualmente essa criminalização é movida em diversas frentes, tanto da mídia burguesa, vide Globo e Veja, como por políticos e representantes de Estado, como José Mariano Beltrame . Infelizmente, até mesmo setores do campo da esquerda tem comprado um discurso no sentido de estigmatizar e criminalizar @s anarquistas. Todo esse "coro político" não é por acaso, mas é fruto do fato de verem sua hegemonia ameaçada, tanto dos partidos da velha esquerda eleitoral e/ou institucional, como do Estado e da mídia burguesa.

Repudiamos com veemência a recente invasão da sede da FAG, bem como nos colocamos a disposição para ajudar os companheir@s processados no que for de nosso alcance.

Não a criminalização dos movimentos sociais! Não a perseguição das organizações anarquistas! Pela anulação dos processos contra @s militantes da FAG!



ORGANIZAÇÃO ANARQUISTA TIERRA IE LIBIERDADIE

() ATL

Contato: terraeliberdade.org terraeliberdade@riseup.net Sábado 20 de Julho

17 h

Onde?

Ocupação Quilombo das Guerreiras Av. Francisco Bicalho 49, Centro - RJ

Exibição do filme "*Terra e Liberdade*" sobre a Guerra Civil Espanhola (1936)

Debate sobre anarquismo

4

Rango comunitário



"19 de Julho de 1936 e sempre nosso objetivo comum é derrotar o fascimo"



Sem Estado! Sem Pátria! Sem Patrão!

atenção: a atividade vai acontecer mesmo em caso de falta de luz